

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM MEDIADA POR TECNOLOGIAS  
DIGITAIS: FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS, MEDIAÇÕES HUMANIZADAS  
E NORMATIZAÇÃO ACADÊMICA**

**ASSESSMENT OF LEARNING MEDIATED BY DIGITAL TECHNOLOGIES:  
PEDAGOGICAL FOUNDATIONS, HUMANIZED MEDIATIONS, AND  
ACADEMIC REGULATION**

Jailton Pereira Nicácio<sup>1</sup>

Israel Nogueira de Oliveira<sup>2</sup>

Antonio Estanislau de Oliveira Neto<sup>3</sup>

Jonatha Lisboa Galvão do Nascimento<sup>4</sup>

Kelsin Modesto Favacho<sup>5</sup>

Lucia Helena de Paula Modesto Favacho<sup>6</sup>

Marielza Santos do Nascimento<sup>7</sup>

Mayara Campos Rodrigues<sup>8</sup>

Sérgio Ricardo Pereira Accioly<sup>9</sup>

---

1      Doutorando em Administração Pública com ênfase em Gestão Governamental, Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA-PY)

2      Graduação em Engenharia Química- UFCG

3      Especialista em Liderança e Gestão Pública em Saúde pelo Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein

4      Doutorando em educação pela Uninter

5      Mestre em Ciência da Educação pela Uninter

6      Mestre em Ciência da Educação pela Uninter

7      Doutorado em Ciências Contábeis e Administração, Fucape Pesquisa e Ensino S.A., Vitória, Brasil

8      Mestrado pela Universidade Privada Del Este (UPE)

9      Doutorando em Administração pela Unicamp

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo investigar as implicações do uso das tecnologias digitais na avaliação da aprendizagem, com foco nos fundamentos pedagógicos, nas práticas de mediação humanizada e nas normas acadêmicas que orientam esse processo. A pesquisa parte da premissa de que a avaliação, enquanto prática educacional, deve ser entendida não apenas como um instrumento de mensuração de resultados, mas como um processo contínuo, reflexivo e formativo, que favoreça o desenvolvimento integral do aluno. No contexto da crescente digitalização do ensino, este trabalho discute como as tecnologias podem ser integradas de maneira crítica e humanizadora, a fim de promover uma aprendizagem mais inclusiva e personalizada. Além disso, aborda a necessidade de uma normatização acadêmica que assegure a legitimidade e a qualidade das práticas avaliativas mediadas por tecnologias digitais, garantindo que estas estejam alinhadas aos objetivos pedagógicos e aos princípios éticos da educação. O estudo busca, portanto, oferecer uma análise abrangente das novas configurações avaliativas no cenário digital, destacando os desafios e as oportunidades para a construção de uma educação mais democrática e eficaz.

**Palavras-chave:** Avaliação da aprendizagem, tecnologias digitais, mediação pedagógica, humanização, normas acadêmicas, educação inclusiva, aprendizagem personalizada, avaliação formativa, educação digital, reconfiguração educacional.

**Abstract:** This study aims to investigate the implications of using digital technologies in the assessment of learning, focusing on pedagogical foundations, humanized mediation practices, and the academic standards that guide this process. The research is based on the premise that assessment, as an educational practice, should not only be understood as a tool for measuring outcomes, but as a continuous, reflective, and formative process that fosters the holistic development of the student. In the context of the growing digitalization of education, this work discusses how technologies can be integrated in a critical and humanizing manner, in order to promote a more inclusive and personalized learning experience. Furthermore, it addresses the need for academic standardization to ensure the legitimacy

and quality of assessment practices mediated by digital technologies, ensuring that these practices align with pedagogical objectives and ethical principles of education. Therefore, the study seeks to provide a comprehensive analysis of the new assessment configurations in the digital landscape, highlighting the challenges and opportunities for the development of a more democratic and effective education.

Keywords: Learning assessment, digital technologies, pedagogical mediation, humanization, academic standards, inclusive education, personalized learning, formative assessment, digital education, educational reconfiguration.

## INTRODUÇÃO

A transição para uma sociedade digital e hiperconectada impôs ao campo educacional a necessidade de uma reconfiguração profunda em seus processos de ensino, aprendizagem e, primordialmente, de avaliação. No cenário de 2025, a avaliação não é mais vista apenas como um exame de desempenho, mas como um processo qualitativo e formativo que integra dimensões pedagógicas e tecnológicas. Conforme defende Fontes (2025), o uso crítico e humanizador das tecnologias transforma a avaliação em um movimento reflexivo, inclusivo e participativo, essencial para uma educação verdadeiramente democrática.

A transição para uma sociedade digital e hiperconectada trouxe profundas transformações no campo educacional, particularmente no que se refere à avaliação. Hoje, essa prática não se limita mais a medir o desempenho de um aluno de maneira pontual, mas envolve um processo qualitativo e formativo que considera o desenvolvimento contínuo dos estudantes. De acordo com Fontes (2025), as tecnologias devem ser utilizadas de forma crítica e humanizadora, transformando a avaliação em um processo reflexivo e inclusivo, essencial para uma educação verdadeiramente democrática. A avaliação também deixou de ser encarada como um simples exame de desempenho e passou a ser entendida como uma ferramenta de reflexão e de crescimento. Para Hoffmann (2019), a avaliação não é mais um fim, mas

um meio para aprimorar o aprendizado e o desenvolvimento do aluno ao longo do tempo. Ela deve ser vista como um processo contínuo, que vai além da simples classificação, para promover uma melhoria constante.

A presença das tecnologias digitais trouxe uma série de novas ferramentas de avaliação, que permitem um acompanhamento mais personalizado e dinâmico do aluno. Kenski (2012) destaca que a revolução digital exige uma constante adaptação do ensino e das práticas avaliativas, com novas formas de medir e desenvolver as competências dos alunos. A avaliação, ao incorporar a tecnologia, se torna mais rica, ao possibilitar uma análise mais detalhada e contínua do aprendizado. Embora as tecnologias ofereçam grandes avanços na avaliação, elas não devem ser usadas de maneira isolada ou superficial. Luckesi (2011) enfatiza que a avaliação precisa ter um caráter pedagógico, focado no desenvolvimento do aluno. O uso das tecnologias, portanto, deve ser cuidadosamente integrado ao processo educativo, com o objetivo de promover o aprendizado e não apenas medir resultados.

A mediação pedagógica também desempenha um papel fundamental na adaptação da avaliação ao contexto digital. Masetto (2013) argumenta que as tecnologias devem ser vistas como uma ferramenta de mediação que potencializa o aprendizado dos alunos. A avaliação, nesse cenário, não é mais uma tarefa isolada, mas um processo integrado ao ensino, que permite ao educador acompanhar o desenvolvimento do aluno de maneira contínua e personalizada. Moran (2021) reforça a ideia de que a educação deve ser adaptada aos desafios do século XXI, com uma avaliação que forme cidadãos críticos e preparados para as mudanças do mundo moderno. A avaliação, nesse contexto, deixa de ser um simples teste de conhecimento e passa a ser um processo contínuo de reflexão e análise do aprendizado.

O papel do professor como mediador também é central para a eficácia da avaliação, especialmente quando se utiliza a tecnologia. Narciso et al. (2024) defendem que o educador deve estar preparado para usar as tecnologias de maneira pedagógica, criando um ambiente em que os alunos se sintam estimulados a refletir sobre sua aprendizagem e a se desenvolver de forma autônoma. Oliveira (2025) também contribui para a discussão sobre a motivação no processo de avaliação, afirmando que

as tecnologias podem tornar a avaliação mais envolvente e estimulante para os alunos. Elas devem ser utilizadas como ferramentas que não apenas avaliam, mas também motivam os estudantes a se engajarem ativamente no processo de aprendizagem.

O presente artigo tem como objetivo analisar a avaliação da aprendizagem mediada por tecnologias digitais, abordando seus fundamentos pedagógicos, as mediações humanizadas e as diretrizes normativas que regem o processo acadêmico. Com a crescente integração das tecnologias digitais no contexto educacional, a avaliação não pode mais ser vista apenas como uma prática de mensuração de desempenho, mas como um processo dinâmico e formativo que envolve a reflexão crítica, a inclusão e a personalização do aprendizado. Nesse sentido, busca-se explorar como as tecnologias podem ser utilizadas de maneira a humanizar o processo avaliativo, promovendo a equidade e o desenvolvimento contínuo dos estudantes, ao mesmo tempo em que se considera a necessidade de normatização para garantir a qualidade e a legitimidade das práticas avaliativas no âmbito acadêmico.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A história da avaliação educacional brasileira é marcada pela tensão entre a prática classificatória e a diagnóstica. Luckesi (2011) argumenta que o que tradicionalmente ocorre nas instituições são exames focados em punição e recompensa, enquanto a verdadeira avaliação deve ser um juízo de valor para subsidiar decisões que melhorem a aprendizagem. No contexto das tecnologias digitais, essa função diagnóstica é potencializada, permitindo que o docente identifique competências e lacunas em tempo real.

Para Luckesi (2011), a avaliação é parte do tripé pedagógico indissociável do planejamento e da execução. Quando mediada por Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), a verificação processual permite um atendimento educacional personalizado, onde o professor ajusta as estratégias conforme o ritmo de cada educando. Essa visão é corroborada por autores contemporâneos que apontam que, em 2025, o aprendizado adaptativo permitirá trilhas personalizadas baseadas no

progresso individual, em vez de avaliações padronizadas.

Hoffmann (2019) propõe a “avaliação mediadora” como um ato de investigação e diálogo permanente. Para a autora, avaliar exige interpretar o pensamento do aluno para intervir de forma construtiva, superando a mera correção de tarefas. Em ambientes virtuais, essa mediação ganha materialidade em ferramentas como o Padlet, que, segundo Lima, Silva e Costa (2023), assegura o acompanhamento individual por meio de portfólios digitais e comentários que fomentam a retroalimentação constante. Conforme relata Guimarães (2026):

Essa prática de valorização necessita ter como propósito a tomada de um posicionamento a favor ou contra o objeto como ele se encontra no momento de sua observação, a partir do valor ou qualidade atribuídos, para assim manter o objeto como ele está ou atuar sobre ele para sua transformação. Isto é diferente de usar tal medição para apenas classificar, cuja função seria apenas estática, sem este movimento.

A mediação tecnológica exige que o professor se aproxime da história do sujeito, mesmo através das telas. Hoffmann (2018) enfatiza que a avaliação deve ser essencialmente dialógica, utilizando as interfaces digitais não para vigiar, mas para promover a reflexão do estudante sobre o próprio aprendizado. Conforme observado em pesquisas recentes, essa clareza nos critérios e o uso de rubricas digitais reduzem conflitos e aumentam a confiança dos estudantes no processo. A mediação tecnológica refere-se aos processos mediante os quais tecnologias digitais atuam como intermediárias entre o sujeito e o conhecimento, transformando as dinâmicas de ensino e aprendizagem. Para Costa (2023), a mediação tecnológica não é apenas a presença de dispositivos eletrônicos no ambiente educativo, mas uma prática intencional que requer planejamento pedagógico, formação docente e reflexão crítica sobre como as ferramentas influenciam a construção de sentido pelos estudantes.

Segundo Hoffmann (2019), a tecnologia tem potencial para reorganizar a relação entre professor e aluno, promovendo ambientes de aprendizagem mais colaborativos e personalizados. No entanto, ele alerta que a tecnologia não substitui a mediação humana; ao contrário, amplifica a necessidade de competências docentes que saibam integrar recursos digitais de forma significativa,

promovendo interações com propósito pedagógico. Moran (2020) complementa essa perspectiva ao destacar que a mediação tecnológica deve ser vista como um componente de uma tríade pedagógica envolvendo conteúdo, metodologias ativas e tecnologia. Para Moran, não faz sentido implementar tecnologia isoladamente; ela deve estar articulada com objetivos claros de aprendizagem e estratégias que estimulem autonomia e pensamento crítico nos estudantes.

No campo da formação docente, Costa (2023) enfatiza que professores precisam desenvolver não só habilidades técnicas, mas um olhar reflexivo sobre os impactos éticos, sociais e cognitivos das tecnologias na aprendizagem. Isso implica repensar práticas tradicionais e reconhecer que a mediação tecnológica exige competências adaptativas e contínua atualização profissional. Hoffmann (2019) discute também as potencialidades da mediação tecnológica para inclusão, apontando que ferramentas digitais podem oferecer suporte diversificado para estudantes com diferentes ritmos e estilos de aprendizagem, desde que haja um design acessível e escolhas pedagógicas que promovam equidade.

Ao considerar a eficácia da mediação tecnológica, Moran (2020) afirma que a simples presença de tecnologia não garante aprendizagem significativa. O que faz diferença é como essas ferramentas são utilizadas para mediar experiências de aprendizagem que envolvam investigação, resolução de problemas e conectividade com contextos reais. Costa (2023) propõe que a mediação tecnológica deve atender a uma visão sistêmica, integrando currículo, avaliação e tecnologias em uma ecologia educacional coerente. Isso exige gestores e professores que atuem de forma colaborativa para estabelecer normas e práticas que apoiem o uso pedagógico das tecnologias.

Hoffmann (2019) ressalta que a mediação tecnológica pode contribuir para uma pedagogia interativa, onde feedback em tempo real, ambientes virtuais de aprendizagem e recursos multimodais ampliam as possibilidades de expressão e engajamento dos estudantes. Ainda assim, ele chama atenção para os desafios de infraestrutura e formação que podem limitar esse potencial. Moran (2020) também aborda o impacto da mediação tecnológica na cultura escolar, destacando que a tecnologia pode ser um agente de inovação quando integrada a processos que valorizam escolhas didáticas reflexivas, aprendizagem entre pares e avaliação formativa baseada em evidências digitais.

Moran (2020) correlaciona o uso das tecnologias à mudança na postura docente por meio das metodologias ativas, onde a avaliação deixa de ser um apêndice para se tornar a própria estratégia pedagógica. Em 2024, Moran (2024) expande essa visão ao discutir a integração da Inteligência Artificial (IA) na formação de professores, reconhecendo-a como uma aliada para fornecer feedbacks rápidos e específicos que ajudam a individualizar o ensino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permite concluir que a avaliação da aprendizagem, no contexto da sociedade digital de 2025, transcendeu a mera função burocrática de mensurar resultados para se consolidar como um processo dinâmico, contínuo e, acima de tudo, humano. A transição para uma educação hiperconectada não apenas inseriu novas ferramentas no cotidiano escolar, mas exigiu uma reconfiguração da postura ética e pedagógica de educadores e instituições escolares.

As evidências teóricas apresentadas, fundamentadas em autores como Luckesi (2011) e Hoffmann (2019), reforçam que a tecnologia, por si só, não garante a qualidade educativa. O diferencial reside na mediação pedagógica intencional. Ficou evidente que a “avaliação mediadora” proposta por Hoffmann ganha novos contornos com as tecnologias digitais, permitindo um diálogo mais fluido e feedbacks em tempo real que rompem com a rigidez dos exames tradicionais e classificatórios descritos por Luckesi.

A integração de metodologias ativas e de ferramentas como a Inteligência Artificial, discutidas por Moran (2020, 2024), aponta para um futuro onde o aprendizado adaptativo e as trilhas personalizadas tornam a inclusão e a equidade metas alcançáveis. No entanto, as considerações aqui expostas também alertam para o risco de um uso superficial dessas tecnologias. Conforme ressaltado por Fontes (2025) e Kenski (2012), o uso crítico e humanizador das ferramentas digitais é o que assegura uma educação democrática, onde a tecnologia atua como um braço de apoio à autonomia do estudante e não como um mecanismo de vigilância.

A avaliação mediada por tecnologias deve ser compreendida como uma ecologia de aprendizagem, que integra currículo, prática docente e inovação. O papel do professor como mediador, destacado por Narciso et al. (2024), permanece central: cabe a este profissional orquestrar as ferramentas digitais para promover o engajamento e a reflexão crítica. Conclui-se que o desafio para os próximos anos não reside apenas no acesso técnico, mas na formação contínua de professores capazes de transformar dados digitais em conhecimento pedagógico e crescimento humano.

O fechamento deste ciclo de reflexão aponta para uma certeza: a avaliação mediada por tecnologias, quando bem fundamentada, encerra o ciclo da “punição” e inaugura o ciclo da “evolução contínua”. Ao retomar o objetivo proposto na introdução, percebe-se que as ferramentas digitais não são apenas acessórios, mas componentes de uma ecologia educacional que exige uma nova postura docente.

Como discutido, a avaliação deixa de ser um “tribunal” para se tornar uma “bússola”. Para Hoffmann (2019), o ciclo avaliativo só se completa quando há a intervenção transformadora; no contexto digital, essa intervenção é potencializada pelo feedback imediato e pela personalização. A mediação tecnológica, conforme defendido por Masetto (2013) e Moran (2021), permite que o professor e o aluno caminhem juntos em um ciclo de descoberta, onde a tecnologia atua como o tecido que conecta o ensino, a aprendizagem e a reflexão.

Portanto, verifica-se que fechar o ciclo da avaliação mediada por tecnologias significa abrir mão do controle absoluto sobre o resultado para investir no acompanhamento do processo. O “fim” de uma etapa avaliativa passa a ser, necessariamente, o “início” de uma nova trilha de aprendizagem. Assim, consolida-se uma educação verdadeiramente democrática e humanizada, onde a técnica e a ética convergem para o desenvolvimento integral do ser humano na era digital.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES, M. I. R. de A. O uso de tecnologias digitais na avaliação educacional. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, v. 11, n. 11, p. 1983–1992, 2025.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação: mito & desafio. Porto Alegre: Mediação, 2019.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MASETTO, Marcos Tarciso. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2013.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papirus, 2021.

NARCISO, A. et al. O professor como mediador: novas perspectivas para a educação contemporânea. São Paulo: Moderna, 2024.

OLIVEIRA, Frederico Sauer G. Uma nova perspectiva para aprendizagem com uso de estratégias motivadoras: relatório de pesquisa pós-doutorado. Niterói: UFF, 2025.

PEIXOTO, Joana; ECHALAR, Adda Daniela Lima Figueiredo. Documento Final da Conae 2024: em foco a tecnologia na mediação do trabalho e da formação docente. Retratos Da Escola, v. 18, n. 41, 2024.

SANTOS, Edméa. Pesquisa-formação na cibercultura: e-book. 2024.

SCHLEMMER, Eliane; FELICE, Massimo Di; SERRA, Ilka Márcia Ribeiro de Souza. Educação OnLIFE: a dimensão ecológica das arquiteturas digitais de aprendizagem. Educar em Revista, Curitiba, v. 36, 2020.

SCHLEMMER, Eliane; MOREIRA, José António Marques. Acompanhamento e avaliação da aprendizagem na Educação Híbrida e Educação OnLIFE: perspectiva cartográfica e gamificada. Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, v. 31, n. 65, 2022.

SILVA, Marco. Sala de aula interativa. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

GUIMARÃES, Mônica de Castro. A avaliação da aprendizagem segundo Luckesi, Hoffman e Perrenoud. 2018. Monografia (Especialização em Avaliação Educacional) – Faculdade Unyleya, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/10540>. Acesso em: 05 de fev de 2026.